

O Caso de Thomas Green:

Evidências Científicas Sobre a Minha Vida *antes Desta Vida*

Dr. Fernando Salvino - Parapsicólogo

Parapsicólogo Clínico e Coordenador do NIAC - Núcleo de Investigações Avançadas da Consciência

parapsic@parapsicologiaclinica.com

Resumo

O trabalho que apresento aqui é uma síntese, um ensaio a respeito do que popularmente se chama "vida passada" onde era um médico chamado Thomas Green e a única experiência de retrocognição que consegui colocar lado a lado de provas materiais e documentais. A pesquisa aqui é baseada no modelo proposto pelo pesquisador Sylvan Muldoon.

Palavras-chave: retrocognição; terapia de vidas passadas; parapsicologia clínica; projeção da consciência; memória.

Abstract

The work presented here is an overview, an essay about what is popularly called "past life" where he was a doctor named Thomas Green and unique experience retrocognition that could be placed side by side with physical and documentary evidence. The research here is based on the model proposed by the researcher Sylvan Muldoon.

Keywords: retrocognition, past life therapy, parapsychology clinic; projection of consciousness, memory.

Resumem

El trabajo que aquí se presenta una visión general, un ensayo sobre lo que se conoce popularmente como "vidas pasadas", donde fue un médico llamado Thomas Green y retrocognición experiencia única que puede ser colocado al lado de la evidencia física y documental. La investigación aquí se basa en el modelo propuesto por el investigador Sylvan Muldoon.

Palabras clave: retrocognición, terapia de vidas pasadas, clínica de la parapsicología, la proyección de la conciencia, la memoria



Central State Hospital – New Neorgia [EUA]

I - Das Considerações Preliminares

Em primeiro lugar, preciso esclarecer a você que não sou espírita ou membro de quaisquer outras religiões ou mesmo *instituições* de pesquisa, o que me dá plena liberdade de expressão de minhas experiências e de meus pensamentos, independente de censuras, licenças ou autorizações de toda natureza. Este trabalho que você tem acesso neste momento faz parte de meu trabalho voluntário e independente, auto-sustentado. Acabei dando um nome para este meu espaço especializado de pesquisa independente e livre, o **NIAC - Núcleo de Investigações Avançadas da Consciência**, hoje contando com alguns pesquisadores independentes e livres. Expresso-me, aqui e diante de mim, deparo-me somente com um único obstáculo: eu mesmo e minhas resistências e limitações pessoais.

Meu compromisso neste ensaio é com uma suposta verdade que se encerra dentro de mim mesmo e da realidade maior da psique e de sua natureza transcendente. É a ela que me inclino e é baseada nela, que escrevo este ensaio para o público interessado, esteja ele onde estiver. Parto do mesmo ponto que Wilhelm Reich, quando afirmou que:

“o cientista é obrigado a insistir no direito à liberdade de palavra sob todas as condições esse direito não deve ser deixado àqueles cuja intenção é suprimir a vida. Ouvimos tanto a respeito do dever de um soldado - o desejo de sacrificar a própria vida pela pátria; ouvimos tão pouco sobre o dever de um cientista - de expor uma verdade uma vez que tenha sido reconhecida, custe o que custar” (*In A Função do Orgasmo, p.24*)

Eu chamo este texto de ensaio porque nada há de definitivo neste campo, nada há de conclusivo nesta esfera. O que chamamos de “verdade” nada mais é que uma representação do que chamamos “realidade” ou o “real”. Assim, “verdade” não se confunde com “realidade”. Eu, Fernando Salvino, sei, por experiência própria que, noutra vida, passada a esta, que pelas minhas contas, *três vidas atrás*, eu tinha outro nome e outra profissão, morava noutro país, mas mesmo assim, era eu mesmo que estava lá. Meu ‘eu’ se conservara, minha identidade e minha autoconsciência. Não pesquiso aqui as ‘vidas passadas’ de outras pessoas, mas a minha própria, no seio mesmo de provas documentais diretas e de análise de traços de caráter, e mesmo da

experiência direta, fonte mesma desta investigação. Considero difícilíssimo este trabalho e parto do princípio de que estou diante da mais franca possibilidade de erro.

O método que trabalho aqui segue as diretrizes das idéias libertárias do projetor consciente e iniciador da pesquisa científica da experiência fora do corpo, Sr. Sylvan Muldoon, no qual disse, adaptado a nossa realidade e a torno minhas palavras:

“Estou perfeitamente seguro de que, antes de acreditar, deve fazer a experiência da projeção astral consciente [**leia-se aqui: retrocognição**]. E confesso que não a acreditaria como verdadeira se não a tivesse experimentado e se não soubesse que é uma verdade. Diz o cético - “Quero provas. Provas objetivas. Então acreditarei!”. E o projetor [**leia-se: retrocognitor**] responderá: - “Não tereis provas objetivas. Deveis experimentar. Então tereis a prova”. O argumento de que o projetor [**leia-se: retrocognitor**] não poderá oferecer provas ao cético é destituído de valor. Porque também o cético não lhe poderá provar que se trata de sonho [**leia-se: imaginação, delírio, fantasia, etc.**]. Assim é inútil a discussão. Coloco-me numa posição clara. E digo: experimentai-o. É comendo que se prova o pudim. (...) Quereis provas e eu vos digo que as podereis ter - mas deveis experimentar. Quereis saber como podereis experimentar e eu vos digo como proceder. Nada mais me é possível. (...) Que este livro [**leia-se: ensaio**] não seja julgado apenas pelo raciocínio. Que o seja pela experimentação. Não desejo que ninguém acredite no que escrevi. Digo - experimentai! Segui as fórmulas e depois julgai do mérito do que afirmo. A hora do julgamento é depois; nunca antes!” (MULDOON, pp. 7-8).

II. Um pouco sobre minha história

O trabalho que apresento aqui é uma síntese, um ensaio a respeito do que popularmente se chama “vida passada” onde era um médico chamado Thomas Green e a única experiência de retrocognição que consegui colocar lado a lado de provas materiais e documentais. Noutras palavras, a única experiência auto-comprovada de minha existência objetiva antes desta vida atual [a começar pelo ano 1975, 22 de outubro, data de meu re-nascimento]. A pesquisa aqui é baseada no modelo proposto pelo pesquisador e projeciólogo Sylvan Muldoon, chamado modernamente de “autopesquisa” ou “auto-investigação”. A pesquisa da retrocognição é altamente complexa, carecendo de método e abordagem adequada. Meu intento é dar alguma direção a tal pesquisa, saindo da teoria e rumando para o campo experimental.

Baseado no que estou dizendo, não é de minha natureza envolver-me em assuntos que para mim não carregam sentido prático e operacional para minha vida e

para os que me rodeiam, no caso, a humanidade e os seres vivos. Fui formado dentro dos constructos próprios das ciências sociais aplicadas, como o é o Direito, a Advocacia e a Educação. Fui ecoalfabetizador de professores durante um ano intensivo de minha vida. Meu interesse é a aplicabilidade do conhecimento e não o conhecimento propriamente dito. Não gosto de pesquisas teóricas, identifico-me como um 'empirista' [se é que posso chamar assim]. Isto se deve a meu perfil de personalidade. Minha história revela uma família prática, porém extremamente complicada no ponto de vista emocional e afetivo. Meu pai é graduado em Administração e é Analista de Sistemas por profissão, membro ativo da Maçonaria. Pesquisador autodidata por natureza, ensinou-me tal atitude diante da vida. Minha mãe, de temperamento mais sensível, permaneceu dona de casa durante grande parte de sua vida, mas seu principal trabalho era aconselhar meu pai em seus problemas, tanto de trabalho como de relacionamentos. Mulher de temperamento aguçado, dotada de paranormalidade evidente, me levou desde pequeno para centros umbandistas e espíritas tendo em vista me ajudar a resolver meus problemas de natureza paranormal, especialmente as experiências espontâneas para fora do corpo que tinha desde meus nove anos de idade. Meu pai também expressava dotes artísticos evidentes. Minha mãe, idem, expressava seus dotes artísticos tanto com *batik*, como em pinturas de santos barrocos, onde em determinado período de sua vida, ganhava dinheiro com isto. Assim que desde pequeno acabei me inclinando de forma natural para as artes. Aos seis anos era membro de grupo de coral infantil, expressava extrema habilidade nas artes de desenho e era dotado de uma criatividade acima da média de meus amigos. No entanto, tinha dificuldade muito grande com conteúdos matemáticos, mal conseguia parar e estudar e não conseguia permanecer muito tempo dentro de uma sala de aula. Eu gostava da liberdade de movimento, gostava de circular. A educação infantil em minha vida era Montessoriana, onde tinha metas de atividades e a liberdade de sair da sala quando terminava minhas metas. Criança de temperamento hiperativo e de criatividade aguçada tinha como ídolo infantil das histórias em quadrinhos o super-homem, o super-herói americano e o professor pardal. Ambos ligados com minhas duas áreas desenvolvidas, a paranormalidade e a criatividade. De tudo o que aprendi na vida com meus pais há algo que parece que me influenciou profundamente, nas entranhas de meu ser, que foi a capacidade altamente desenvolvida de meu pai em estudar e pesquisar por conta própria. Ao ver meu pai se aventurando por caminhos intelectuais de forma livre e independente, acabei crescendo

neste ambiente. Na biblioteca da casa, tínhamos mais de três conjuntos de enciclopédias e centenas de livros e outros materiais para pesquisas. Quando pequeno ao invés de ler revistas em quadrinhos, lia enciclopédias e estudava dicionários. Sempre tive uma atração inata por investigações, por pesquisar, por estudos que me interessassem. No colégio era um aluno de 'notas baixas' e que cumpria os comandos de meus pais: passar de ano. Eu era um garoto livre que fazia de tudo para sair de dentro da sala e perambular pelos corredores do prédio, visitando meus amigos nas outras salas do grande prédio da escola mais antiga de Florianópolis. Meus pais não me exigiam ser um aluno nota 10, mas eu tinha que passar de ano. Fazia o que fosse para sair de dentro da sala e meu prazer maior era visitar meus amigos noutras salas. Estudei todas as regras do colégio, quantos atrasos poderia ter, quantas faltas e acabei criando um método de ser dentro daquele estabelecimento em que tinha toda liberdade que necessitava. Simplesmente assinava quaisquer autorizações e outros documentos com minha assinatura. Os dirigentes sempre aceitaram minhas auto-autorizações e acabara por ter a liberdade que tanto necessitava. Nunca aceitei a autoridade dos dirigentes do colégio sobre minha liberdade cerceada. Ao analisar tal traço de minha personalidade, fica para mim evidente a explicação deste comportamento aparentemente estranho: em minha vida passada, era o coordenador do Hospital Psiquiátrico e visitara todos os dias os leitos dos hospitais e os pacientes. A instituição educacional apresentara uma arquitetura muito parecida com o antigo hospital, apresentando fator indutor natural de experiência retrocognitiva e de meu distúrbio de comportamento no colégio. Abaixo colaciono duas fotos, a da esquerda referente ao Hospital e a direita referente ao Colégio, ambas arquiteturas antigas datadas de séculos diferentes. Deixo a você leitor, tirar suas próprias conclusões.



Central State Hospital - EUA - Nova Georgia (sec. XIX)



Colégio Catarinense - BR - Santa Catarina (sec. XX)

Naquele colégio de pedagogia Loyolana e Católica, aprendi a ciência de laboratório. Tínhamos aulas experimentais de Física, Química, Biologia, Antropologia Indígena e Arqueologia. Tais experiências me formaram sem saber, no campo das ciências naturais e humanas aplicadas. Aprendi com os jesuítas que a ciência e o conhecimento deveriam ter aplicabilidade. Então minha vida tomou um rumo em que carregava a formação prática e experimental em paranormalidade pelos centros de umbanda e espíritas que passei, mas paralelo, trazia comigo a necessidade científica de compreender o que se tratava todos aqueles fenômenos que experienciava. Assim fazer ciência da paranormalidade e mesmo de mim mesmo fez parte de minha formação desde a infância, quando saíamos em grupo para a horta da escola fazer adubo, preparar a horta e depois, colher e comer os alfaces que plantávamos. Assim minhas investigações a respeito do campo paranormal iniciam-se aos nove anos de idade, de forma autodidata, completando hoje mais de vinte anos de pesquisas experimentais.

Formei-me em Direito, trabalhei com Direito Ambiental, Urbanístico e Agrário como advogado. Eu na época analisava todos os projetos de leis ambientais de Santa Catarina e representava a Ordem dos Advogados do Brasil neste Conselho (Conselho Estadual do Meio Ambiente de Santa Catarina). Tinha pouco mais de vinte anos de idade, sendo o advogado mais novo, liderando a câmara jurídica diante de sumidades do campo jurídico. Lidei de perto com realidades que para muitos são insuportáveis. Conheci o presídio e o manicômio judiciário por dentro logo ao me formar em Direito. Até então nunca tinha compreendido tal motivação. Ao me deparar com o desumanismo no tratamento de tais internos, entrei em crises internas intensas, o que tem direta relação com o momento em que assumira o posto de comandante do antigo Hospital, em estado de calamidade nos atendimentos e no trato dos pacientes.

Tenho consciência da realidade ecológica e política global em suas causas mais espúrias, como a ganância e a violência, assim como a avareza por posses e por uma ânsia de destruição do planeta. Vivi isto tudo organicamente, longe das teorias acadêmicas, longe das especulações teóricas. Atuei como investigador dentro do Centro de Defesa do Meio Ambiente, no Ministério Público Estadual, e neste trabalho aprendi o método científico utilizado na ciência jurídica, o *Inquérito Civil Público*. Aprendi a fazer as perguntas certas e a discernir realidade de hipótese, e baseávamos nossas conclusões em provas documentais, objetivas, como Contratos de Compra e Venda de rochas ilegais, etc. Nosso objetivo era a verdade material ancorada em provas documentais

(*papel*). É justamente neste caminho que me dedico este ensaio, no confronto com as provas materiais com minha memória profunda revelada na regressão terapêutica.

O que narrarei aqui é, pois, para mim, e não para os outros ou mesmo para você que tem a coragem de ler o que escrevo, a comprovação de que eu existia antes de nascer. Passei antes desta regressão por diversas outras regressões, mas nenhuma delas me trouxe uma comprovação objetiva, material, tal como esta. Nenhuma delas me motivou realmente a escrever. Nunca pensei em escrever sobre regressões de outras pessoas, porque sempre me coloquei como observador diante da experiência alheia, afinal, eu sei de minha própria experiência e não da dos demais. Quando um paciente meu me relata acerca de suas regressões, algo em mim sabe, que tais fatos são verídicos. Mas, este algo em mim é o hipersensível que capta as radiações experienciais do paciente e interpreta como sinais de realidade e não de ilusões. No entanto, tal base empírica mostra-se altamente subjetiva para ser argüida como critério de validade objetiva dos experimentos retrocognitivos. Pois, da mesma forma que argumentei acima, tal percepção, ou melhor, percepção telepática, ocorre também no campo de minha experiência subjetiva. E, se ocorre dentro de meu campo, é, para mim, meu referencial de realidade e não o seu.

Diante de todos estes fatores, altamente complexos, como afirmei acima, nunca me motivei o suficiente para escrever acerca das regressões. Não admitia a mim mesmo, poder estar afirmando coisas que poderiam estar no território da insanidade, delírios, imagética ou credices. Estava até então, maturando a idéia que desenvolvo aqui. As fronteiras entre ambos os campos - sanidade e insanidade - são praticamente impossíveis de se mensurar e, apesar disso, não poupei esforços para tentar demonstrar esta, que para mim, foi uma das descobertas mais impactantes de minha vida: a *autocomprovação de minha existência antes desta vida*.

A comprovação objetiva e a exclusão definitiva da hipótese de delírio deram-se radicalmente pela confrontação da imagem que vi na minha mente (imagens retrocognitivas, parapsíquicas) quando regredido, e a foto do Central State Hospital, imediatamente após a regressão, diante de meu laptop, após adentrar na *New Geórgia Encyclopedia*, no buscador *Google*. Após a regressão, como relatarei a seguir, fui ao buscador tentar confrontar as informações com o real da História. E, a imagem do hospital que vi em minha mente, era a mesma que constava na fonte. Esta vivência subjetiva e a confrontação com a imagem documental e oficial, caracteriza para mim, a

prova definitiva de que *eu existia antes desta vida*. Isto quer dizer que, se eu existia antes de desta vida, a 'reencarnação' parece um fato realmente comprovado. Este trabalho é também e essencialmente, um ensaio sobre a loucura e a insanidade mental humana.

Eu, mais que qualquer paciente, tenho que ter a evidência sólida da reencarnação, de forma a poder estar cada vez mais aberto a ouvir o mundo deles, isento o máximo de preconceitos e máximo aberto à assistência pela Parapsicologia Clínica. Quando vi a foto no *Google*, entrei em choro imediato, emocionado profundamente pela descoberta íntima que teria realizado. Descoberta esta que significa que eu, hoje, Parapsicólogo, era, ontem, em 1837, um médico sonhador, lúcido, envolvido com os doentes mentais. Lembrei que fui uma pessoa que sonhou uma mudança e completou sua missão de vida. Lembrei da força que tinha para empreender uma mudança, que, para a época que vivia, era radical. Mudança esta que era simples: ouvir os "loucos" de forma despreconceituosa e livre. Ouvi-los e estar com eles como pessoa e não como médico. E cujo ato carregava o germe da cura daqueles males mentais. Males aqueles que encobriam traumas horríveis, como o caso de Robert, estuprado pelo próprio pai quando pequeno, causa de sua psicose [autismo].

Hoje, preocupo-me com o fator parapsíquico e pelo agente parapsíquico e suas correlações com as denominadas "patologias", desvios de rota evolutiva e com a evolução do espírito. Sintonizo-me com o ser humano, mas não o ser humano restrito a uma vida, mas o milenar, o que foi formado ao longo dos milênios de evolução desde a *conscienciogênese*. Como naqueles tempos, atualmente estou sendo amparado da mesma forma e de um nível talvez mais agudo do que me levou no passado, a agir em determinada direção. O que me leva aqui a trazer tal experiência é simplesmente o fato de que, para mim, como disse acima, a 'reencarnação' está comprovada. E que repercussões tem esta experiência para a Parapsicologia? A validação da hipótese de sobrevivência que inclui a hipótese de vidas passadas ou de existência do "eu" antes do nascimento. E para as pessoas em geral? Muitas. Uma delas é a profilaxia quanto à loucura gerada pelas vivências dos fenômenos categorizados como "hipótese de sobrevivência". Na esteira de Lodge, tal hipótese já está comprovada.

Meu papel como Parapsicólogo não é repassar tal experiência para outros avaliarem e pesquisarem. Como ocorreu comigo mesmo, forço-me a investigar a mim mesmo e incentivá-los a se pesquisarem e, a partir disso, chegarem por si mesmos às

suas conclusões. No entanto, a experiência que investigo aqui colocou toda minha atenção para tal área. Independente do que dizem meus amigos pesquisadores do campo parapsíquico, prendo-me aqui ao fenômeno. Fenômeno este de quatro níveis básicos:

- (1) experiência de rememoração do passado longínquo (retrocognição);
- (2) relato pessoal e testemunhal;
- (3) história oficial e;
- (4) modelos científicos de explicação.

Convido você a induzir por conta própria ou terapeuticamente, com profissional adequado, o fenômeno da retrocognição e, assim, ter a experiência em primeira mão e julgar os fatos a partir de tua própria experiência direta. Da mesma forma que o fenômeno raro da experiência fora do corpo consciente, ocorre aqui com a retrocognição a mesma raridade: *é difícil induzir pela vontade uma experiência retrocognitiva consciente e contínua*. O melhor método que encontrei é a pesquisa. Pela pesquisa gero perguntas de autopesquisa que somente pelas “vidas passadas” podem ser respondidas e, num dado momento, numa e noutra tentativa, auto ou hetero-induzida, acabo-me por estar noutro espaço-tempo de minha existência objetiva, diante das respostas que necessitava para meu autoconhecimento. Posso dizer aqui que se trata de uma *Técnica de Indução Retrocognitiva pela Autopesquisa*.

III. Lembrando de minha história antiga: a experiência

Neste capítulo adentro diretamente na experiência regressiva propriamente dita, ou a vivência retrocognitiva da experiência de vida passada. É importante esclarecer a você que o nome “vida passada” é incorreto, na medida que temos somente uma vida, marcada por interrupções no curso da memória. Algumas destas interrupções mais violentas na consciência, e que geram o apagão consciencial da memória ou a queda da “luz mnemônica”, são o que conhecemos por vidas passadas ou “encarnações”. Cada ‘encarnação’ pode ser chamada, no sentido de Eliezer Mendes, de ‘faixas de personalidade subconsciente’. No entanto também temos vidas entre uma encarnação e outra, portanto, a vida não pára e na essência temos somente uma vida e uma

personalidade que evolui ao longo dos milênios afora [até mesmo o tempo é relativo e não linear]. Neste sentido falar em faixas de personalidade ou múltiplas personalidades me parece limitado, porém, apresenta bastante utilidade didática e prática, para que possamos compreender o fenômeno das vidas passadas e encaixá-las no local certo do grande holomosaico da vida pessoal. Resolvi dividir este capítulo de acordo com as 3 fases da experiência em si:

- (1) o período pré-experiencial;
- (2) a experiência;
- (3) o período pós-experiencial.

A seguir examinarei cada um deles em separado de forma didática. Vi-me obrigado a fazer ciência de mim mesmo para que pudesse compreender tal experiência e que, ainda neste momento (01/03/2010), não me sinto satisfeito com as reflexões que elaborei.

2.1 Antes da Experiência

O ano 2008-2009 foi marcado por uma série de experiências retrocognitivas, ao todo vivenciadas por mim, pacientes e amigos terapeutas e parapsicólogos. Em todos estes momentos estive atento ao processo da evidência científica da sobrevivência. Em muitos casos, nos quais eu facilitava, quando o paciente morria, eu perguntava: “você deixou de existir ou ainda existe?”. A resposta unânime era: “sim, eu existo ainda”. E eu continuava: “Olha para sua mão então, como ela é?”. A resposta unânime era: “Branca”. Alguns estranhavam e diziam algo como: “Estranho, mas são brancas, meio transparentes”. Dentro das evidências do Psicossoma temos mais esta, visto ser o Psicossoma um campo de *matéria psi* e cuja aparência visual apresenta-se na cor similar ao branco, meio transparente, translúcido. Antes disto, interessei-me pela regressão terapêutica quando resolvi alguns problemas psíquicos pessoais através da simples lembrança de vidas passadas. As memórias espontâneas, induzidas ou hetero-induzidas sempre acompanharam minha vida.

No entanto, o experimento que é objeto desta tese não foi programado para tal. Foi diferente de todos os outros. Sentia-me num ambiente muito seguro, quando na

posição de paciente, me submeti a tal. Assim, no dia 17 de maio de 2009, exatamente as 11h, me submeti a uma sessão de terapia de regressão a vidas passadas. Estavam presentes meus amigos e parapsicólogos Ronaldo A. e Renata K., como facilitadores do experimento, nas imediações do Instituto de Parapsicologia e Ciências Mentais, em Joinville, Estado de Santa Catarina, Brasil. Tal sessão fazia parte de estágio clínico inserido num programa de formação em orientação e aconselhamento em Parapsicologia. Obviamente não tinha a menor idéia de onde iria parar. No meu histórico de vivências em vidas passadas, que passaram das dezenas de experiências bem sucedidas, sabia intimamente que o evento que iria acessar estava fora de meu controle consciente. Estaria ao encargo de meu inconsciente comandar tal curso da experiência. É muito estranho, no entanto, para mim, ter cada vez mais consciência de que eu existo desde tempos imemoriais. Estranho mesmo é lembrar que noutra existência, noutra país, eu mesmo, teria outro nome e vinculado a outra função. Estava tranquilo, relaxado e confiante, profundamente disposto a me entregar ao campo da experiência parapsíquica.

Meu nome nesta vida foi me dado por duas pessoas, meus atuais pais: Paulo R. P. Salvino e Ilse Chagas. Minhas origens na árvore genealógica me enraizam na Europa, especificamente Espanha e Alemanha. Meu aspecto de aparência física (fenótipo) me denuncia com um pé na Alemanha. Meus gostos musicais se enraizam no Country Americano, de raiz Irlandesa e em músicas em geral inglesas. Antes das experiências regressivas nunca teria sequer ouvido falar no Central State Hospital, nem nunca teria mostrado qualquer tipo de interesse pelo estado da Nova Geórgia ou mesmo qualquer interesse maior pelos EUA. Impressionante era sensação pré-experiência de sentir-me pertencente à outra cultura, mesmo atualmente residindo no Brasil. Quando pequeno, escrevia na escola Brazil com "z" e as professoras chamavam minha atenção e não entendia o porquê. A sensação era de ter vivido no interior dos EUA. Flashes de uma vida de campo, onde tinha uma fazenda e tinha uma vida tranqüila. Vida em que era profundamente realizado e feliz. Eram somente flashes. De qualquer forma, meu interesse pelos EUA se dava muito pelo desinteresse quando jovem de quase a absoluta maioria das músicas brasileiras. Desde pequeno me inclinei aos gostos musicais de artistas americanos e ingleses. Principalmente grupos musicais que tinham certa tendência country e com certa influência Irlandesa. A sensação, no entanto de que em vida passada teria sido americano começou a ficar muito evidente para mim. Passavam

cenas fugazes em minha mente de eu participando muito feliz de festas onde todos dançavam música irlandesa, dançávamos juntos numa festa muito legal. Cenas que aos poucos foram tendo coerência, ou apresentando como flashes de um mesmo momento histórico passado. As roupas, o estilo muitas vezes hippie, os tipos de autores dedicados a estudo (Carl Rogers, William Kilpatrick, John Dewey, etc.) evidenciam uma época americana cujas idéias eram expressões de um passado recente, no século XIX.

A seguir relatarei a experiência regressiva completa e ao final trago a história oficial conjuntamente com reflexões radicais sobre o assunto da sobrevivência.

2.2. A Experiência de Lembrança de Vida Passada

A experiência inicia com uma regressão para a vida intra-uterina. Não cabe aqui citar todo complexo de rememoração que tive, e que fora impactante. O fato é que, dentro do útero sentia-me como se tivesse cerca de 44 anos de idade. Para melhor contextualizar cito integralmente a experiência e ao final levantarei um sistema de reflexões. Citar o todo da experiência revela também a sintonia pelo qual estava conectado ao renascer. A conexão e a forma como a memória experiencial se aglutina num campo a outro fica evidente neste relato, que foi impactante para mim mesmo. Num dado momento da experiência relatada simplesmente pulo de um espaço-tempo para outro de forma instantânea. Saio do ano 1975 e vou ao ano 1837. Para a memória não existe fronteira. Para a memória não existem vidas passadas, existe o passado como campo aberto a ser revivido. O relato a seguir é um resumo muito resumido do que vi nas cenas de minha memória. Muito do que vi não falei. Aliás este é um dos problemas da regressão, já que nem sempre verbalizamos o que estamos vendo ou sentindo. No entanto serve como referência, já que possui informações relevantes. O relato foi escrito pela assistente da regressão, a parapsicóloga Renata K.

"[respiração ofegante]... Tô no útero de minha mãe... saio e entro no corpo o tempo inteiro... tenho angústia de ficar ali dentro do útero. Por isso as vezes saio do corpo. Minha mãe tá agoniada com a barriga. Tô agoniado... paro de sentir agonia quando eu saio do corpo... to sufocado lá dentro... to quase nascendo... me sinto adulto, dentro do útero, tenho pressa, não posso perder tempo... tá tudo escuro... tudo escuro.. angústia... meu pai ta preocupado... fuma muito. Ele ta angustiado com dinheiro, não queria ter o filho, tenho pena do meu pai... não sabe como vai pagar as contas... tenho pena do meu pai, sofre muito, sofre muito. Consigo ver o sofrimento do meu

pai, meu pai se sente muito sozinho, coitado... to lúcido dentro do útero, quando saio da barriga da minha mãe vejo ela do lado de fora sentada. Ela sente a minha agonia dentro do útero... quero sair dali logo... meu pai fumando, desesperado. A vida dele está indo para um caminho que ele não queria. Eu acho que ele não queria estar com minha mãe... eu estou bem consciente. Parece que sou adulto... estou maior fora da barriga da minha mãe.. minha mãe sente dor porque tenho vontade de estourar a barriga dela. Eu sei sair dali... eu sei sair do corpo, porque não consigo sair da barriga... estou nascendo é ruim. Quebro alguma coisa em mim... acho que é o braço quebrado... eu sabia que iam me quebrar... tinham que ter cortado a barriga... eu tentei avisar. O médico não me ouvia... eu olhava com raiva pro médico... ele não sabia fazer parto... sala é azul, uma luz... tipo uma máquina, com uma luz que se move... to com raiva que ele não fez o que eu falei que era para ele fazer... médico muito teimoso... o médico se sentiu culpado depois... doeu muito... ninguém sabia que eu estava com o braço quebrado... tem algum problema no olho... eu chorava e gritava no Hospital.. o que essa criança tem? Que não para de chorar? [enfermeira falava]. Eles não sabiam que eu estava acordado, eu estava mais lúcido do que todos. Eu sentia a enfermeira como minha filha. Eu me sinto adulto no corpo de bebê. Como se tivesse 44 anos... [mudança de espaço-tempo]... estou de farda agora. Tenho 44 anos, sou médico... [respiração ofegante]. Estou em 1837... To de farda cinza, meio verde... parece que sou oficial do exército... tenho 3 estrelas e penuje, dependurada... fui promovido para esse negócio... penuje, triangulo na lona, ta escrito alguma coisa e 3 estrelas... Não sinto orgulho, mas sei que agora vou poder fazer o que eu quero. Me dá poder... não orgulho. Gosto de usar aquela roupa, me sinto forte. Sou médico mas tenho poder. O mesmo poder dos outros... [sensação de que o tempo passou]... Eu comando um hospital agora, hospital bem antigo, parece que tem uns 2 andares... atendo pessoas... Hospital Psiquiátrico... estou analisando... muitos casos difíceis... tem alguém falando comigo, tenho uma missão. Tem alguma coisa para fazer ali... to na rotina agora... o governo comanda a saúde. Meu amparador diz o que eu tenho que fazer... as pessoas estavam enlouquecendo lá dentro, não obedeciam o tratamento. Eu tinha que fazer, não tinha escolha... eu ouvia cada paciente falar.. tirei a farda e fui ouvir cada um... Eles estavam se curando... "só escute-os"... meu amparador falava isso... eu saía do quarto dos pacientes e ir para minha sala chorando... Os pais colocavam eles lá... [como eram as historias dos pacientes? Ronaldo pergunta]... tem uma pessoa que fica de costas para a parede, no canto da parede... não deixa ninguém tocar nele... foi estuprado pelo pai... coitado... tem medo que eu seja o pai dele.. todo dia eu visito ele, coitado.. Foi internado achavam que ele era louco, parou de falar. O pai dele admitiu para mim, ele estuprou o filho... o Robert começou a sair do quarto.. tinha só 7 anos quando foi estuprado, não tinha feito nada... A enfermeira agora cuida dele... começou a voltar a falar... surtava... falava milhões de coisas ao mesmo tempo... ficou 30 anos sem

falar... O pátio do Hospital é de grama, é um quartel... estou nos EUA - Nova Georgia, Hospital Psiquiátrico Militar... bem bonito por fora... [retorno ao útero] quando saio do hospital eu me desligo da minha outra vida... entendo que achava que o médico deveria me obedecer... agora eu entendo... estou no parque Ibirapuera em São Paulo.”

Eis a seguir extratos de meu relato:

“O relato apresenta-se limitado. No momento em que Ronaldo pede para eu voltar para o útero, para a vida atual, estava iniciando alguma guerra. Mudou a administração, muitos pacientes. Acontecera alguma coisa. Sentia que era uma guerra. Eu quis continuar, tentei não obedecer ao comando hipnótico de Ronaldo, mas não consegui, sua fala interrompeu o fluxo e quando vi, retornei à vida atual, quando era pequeno, em São Paulo/SP/Brasil. A imagem do Hospital era nítida: um campo lindo de grama fora dele; os pacientes caminhando livremente pelo pátio se curando; eu estava parado na janela superior do prédio, observando serenamente o movimento externo. A sensação de ver Robert virado para trás no canto do quarto fora tão emocionante que entrei em prantos de choro imediato. E imagem era nítida, cristalina e a certeza íntima muito forte. Eu sentia uma profunda compaixão por ele, sentia um profundo amor por Robert e me envolvi numa tentativa de ajudá-lo com tudo o que podia. A lembrança de eu indo até a sala, em crises por ver as pessoas daquele jeito, jogadas ao relento da loucura e do mal trato, me levou a assumir aquilo como uma tarefa de vida. Não lembro como foi minha vida antes desta época, mas terminei a regressão com a sensação de interrupção da memória. Eu teria de voltar e lembrar-me de mais coisas. A sensação era vívida, a farda, a exatidão do ano, a certeza absoluta do que estava falando, as idéias e a informação simplesmente brotavam de minha memória: eu simplesmente sabia onde estava e o ano em que me encontrava. Sentia tudo aquilo de uma maneira tão orgânica e sanguínea que não tenho absolutamente dúvida alguma quanto à veracidade de minha experiência. Eu estava lá, e encontrei a mim mesmo, noutra vida, noutra época e noutro país. Eu obedecia às orientações de meu mentor extrafísico. Ele me dizia exatamente tudo como deveria proceder na tarefa em que ele mesmo era parte integrante. Não me sentia sozinho, sentia-me sempre na presença Dele. Eu não sabia o que fazer com os pacientes nem como tratá-los. O mentor me dizia que eu teria de visitá-los todos os dias e ouvi-los, deixá-los falar. Não forçar nada, eu teria tempo para fazer o trabalho. E aos poucos fui vendo-os melhorando, eles se curando. Lembro de eu sentado com eles todos no refeitório, num clima fraterno e caloroso, humano, sentia-me como um deles, de igual, um ser humano com problemas e dificuldades que, por um

contexto de vida, me dava à oportunidade de estar mais saudável do que eles. Lembro-me da sensação inicial da certeza da data que me encontrava e do local. Tal certeza absoluta é a prova fundamental e experimental deste ensaio. Lembro da exata sensação e certeza de que era eu, naquele tempo. A sensação de ser médico e militar era real. Lembro-me de forma bastante clara de como se encontrava o Hospital quando o assumi: os internos eram tratados desumanamente.”

2.3. Depois da experiência

Imediatamente após a regressão saí da clínica-escola e fui direto ao Hotel onde estava hospedado. Bati a porta, minha esposa atendeu e entrei no quarto. Abri seu laptop, conectei imediatamente a internet sem fio do Hotel, cliquei no buscador *Google*. Comecei a digitar uma série de palavras associativas, tais como: hospital militar Nova Geórgia EUA, etc. E eis o que aparece: um site da *New Georgia Encyclopedia*. Dentro deste site busco informações que me levariam ao tal hospital militar. Encontro um espaço onde existe uma lista de todos os hospitais. Entro um a um. Lembro-me começar pelo último, tamanha era minha ansiedade. Ao chegar ao primeiro da lista, nomeado como Central State Hospital encontro a exata data quando fora aprovada sua abertura e início da construção: 1837. Com o dedo indicador, passei no cursor do mouse do laptop, baixei a tela e encontrei a foto antiga do hospital. Instantaneamente entro em choro e repito em voz alta para minha mulher: “é este o hospital que vi na regressão!!!!!”. Fiquei num estado altíssimo de ansiedade. E a partir daí comecei a realizar uma investigação acurada sobre esse tema. Nunca sequer tinha ouvido falar no hospital.

O período pós-regressivo, pois, é o período que não se esgota, pois dura até o momento que escrevo agora (09/12/2009). Descobri no dia 07/07/09, as 21h54, dentro do NIAC - Núcleo de Investigações Avançadas da Consciência, que toda esta lembrança deveu-se a uma dúvida inquietante que ficou repetindo em minha mente: os muitos casos repetitivos de abuso sexual relatados por meus pacientes, muitos deles de estupro de variados graus. Tais relatos de meus pacientes sempre me causaram tamanha reação íntima. Antes desta regressão, descobri que eu mesmo sofri abuso sexual em vida anterior, quando fora abandonado pelos meus pais pobres e fora adotado por dois pais maravilhosos, pais que sou grato até hoje por sua benevolência. No entanto, a empregada, na ausência de meus pais, cometia o abuso sexual. A sexualidade sempre me foi um assunto altamente prioritário para minha vida. Na grande maioria de

meus relacionamentos conjugais, no fim das contas, acabei me dando conta de grande parte das mulheres com quem me relacionei tinha sofrido abuso sexual, seja por parte de pai, irmão ou outra pessoa. Esta dúvida me fez chegar a minha regressão, onde descobri que eu mesmo teria sofrido abuso. Mas meu caso e dos relacionamentos que tive eram de abuso e não de estupro propriamente dito. Os casos de estupro me causavam um real embrulho no estômago e tais casos começaram a aparecer na clínica, após estas regressões que narrei acima. A minha pergunta de pesquisa então começou a ser mais ou menos esta: **“porque vem para mim tantos casos de abuso sexual com estupro?”** Esta pergunta disparadora é a hipótese que fundamenta a orientação experiencial da regressão. No entanto somente após a experiência dei-me conta disto.

Hoje esta resposta foi achada: Robert, meu paciente psiquiátrico do século passado, autista, vítima de estupro do próprio pai. Esta regressão faz com que minha vida seja: antes e depois. O sentido que minha vida tem neste momento se amplia consideravelmente. De um cérebro oco passo agora a um espírito que volto a lembrar quem sou eu.

Em seguida encomendei o único livro a respeito da história oficial do Central State Hospital, e recebi-o com muita alegria, tal como uma criança que recebe o presente que tanto sonhara. Neste momento, dedico-me a tradução do manuscrito, páginas 29-49, capítulo II “Score Onde For A Practicing Christian - Green Administration (1845-1874) e páginas 9-28. Tais informações serão essenciais para a síntese fenomenológica deste ensaio.

IV. A História Oficial do Central State Hospital

Este capítulo fundamenta o campo das provas documentais das informações históricas que sustentam a tese de minha pré-existência antes do nascimento.

4.1. Central State Hospital: história oficial

O que temos como referência de informações conta no *The New Georgia Encyclopedia*¹, como consta abaixo:

¹ The New Georgia Encyclopedia: disponível em <<http://www.georgiaencyclopedia.org>> Acesso em: 02/06/2009.

“Criado em 1837, Hospital Central Estado foi um produto do século XIX, movimento social da reforma. Desde a sua fundação, o hospital não só tinha cuidado para milhares de pacientes, mas também tem sido o foco das discussões políticas na Geórgia sobre o papel do governo e da saúde pública. Em 1960 o Central State Hospital tinha se tornado a maior instituição de saúde mental nos Estados Unidos. Movimentos de reforma das prisões, criação de escolas públicas, estaduais e estabelecimento de hospitais para os doentes mentais varria em toda a nação durante as primeiras décadas do século XIX. Em 1837 políticos reagiram ao passar um projeto de lei solicitando a criação de um "Estado Lunático, Idiota, Epilético e Asilo". Localizado em Milledgeville, a capital do estado, nesse momento, a construção da instalação foi concluída em Outubro de 1842, e o hospital admitiu a sua primeira paciente mais tarde nesse ano. Os cuidados de pacientes foi baseada na "instituição da família" modelo, que afirmou que os hospitais foram melhor organizados quando semelhante famílias alargadas. Este modelo reuniu-se com grande sucesso em Milledgeville, especialmente sob a liderança do **Dr. Thomas A. Green**, que atuou no hospital a partir de 1845 a 1879. Green comia com o pessoal e os doentes diários e aboliu as restrições físicas, tais como correntes e cabos. O hospital também se tornou cada vez mais como privativas da população evoluiu a partir da acuidade perturbado para os doentes crônicos e organicamente deficientes, muitos dos quais eram veteranos da Guerra Civil (1861-65), com poucas chances de conseguir um bom retorno às suas famílias. Em 1872 o hospital possuía um número de 112 pacientes por médico, um número que não iria melhorar durante quase um século. Central State sofreu um aumento dramático na população paciente durante a segunda metade do século, quando começaram a enviar as comunidades locais indesejados ou problemáticos moradores para o asilo, independentemente dos seus diagnósticos. A instituição adaptada a esta prática, desenvolvendo cada vez mais precisos métodos de diagnóstico e de aplicação diferenciada enfermarias posicionamentos sob Superintendente Dr. Teófilo O. Powell, observou um estudioso da psiquiatria, que atuou de 1879 a 1907. ”



Fonte: The New Georgia Encyclopedia

A foto acima remonta aos meados de 1800 quando terminara a construção do prédio do Central State Hospital. Muito pouco se conhece dos pormenores desta instituição e me parece que somente uma obra trata tão especificamente da história do Hospital, especialmente o que ocorreu na gestão do Dr. Thomas Green. Temos registros esparsos do que Green fazia e da forma como agia com seus pacientes. Não temos sequer um caso registrado e relatado, a não ser se investigarmos nos registros de pacientes do Hospital. Pelo estado da arte tenho em mãos somente a pesquisa de Peter

Cranford² registra o período de gestão de Green e o que houve. Apesar de não ter traduzido ainda o trecho do manuscrito, pressuponho que as informações contidas sejam generalizadas e pouco específicas [hipótese]. Esta versão inicial da pesquisa carece deste texto de Cranford e, já nasce pedindo outra versão do ensaio. Muitos fatos que narrei e que foram fruto de minha lembrança não constam na história oficial do Hospital nem de Thomas Green. Nada fala acerca de que Thomas Green fez toda a reforma no Hospital ao obedecer às orientações de seu mentor extrafísico. Nunca se falou das crises de choro que ele tinha ao retornar para sua sala após a visita aos leitos dos pacientes.

V. O que a ciência diz acerca disto tudo?

5.1 Revisão breve de Literatura

Sabe-se pela literatura geral da investigação da sobrevivência do ente após a morte e de sua pré-existência antes do nascer, que o ente ou espírito psicossomatizado (perispírito ou psicossoma), existe e independe do corpo biológico para se manifestar. A este posicionamento chama-se *hipótese do corpo objetivo*³. O corpo objetivo, como afirma Vieira, é a “hipótese parapsíquica antiga e natural para explicar as projeções da consciência lúcida fundamentada na premissa de que o segundo corpo da consciência seria real, embora não-físico”⁴. De acordo ainda com o autor, a hipótese do corpo objetivo é o que orienta toda pesquisa projeciológica, estando toda a sua obra baseada nesta premissa. E está também embasando a tese de todos os adeptos da sobrevivência.

Esta tese também foi defendida pelo físico inglês Oliver Lodge quando organizou as 7 proposições cujo centro é a sobrevivência da alma e personalidade humana após a morte e as possibilidades de comunicação interdimensional. Dr. Lodge⁵ de forma bastante didática esclarece que:

² Peter G. Cranford, *But for the Grace of God: The Inside Story of the World's Largest Insane Asylum, Milledgeville* (Augusta, Ga.: Great Pyramid Press, 1981).

³ VIEIRA, Waldo. *Projeciologia: panorama das experiências da consciência fora do corpo humano*. IIPC, RJ. 2002. pp. 973-974.

⁴ VIEIRA, 2002, p. 973.

⁵ LODGE, Sir Oliver. *Por que creio na imortalidade da alma*. SP, Feesp. 1989. pp. 10-11.

“(...) toda teoria deverá ser apoiada por fatos resultantes da observação e da experiência; deve-se pois dar-lhe uma oportunidade de vida e só quando mostrar-se falsa e errada é que deverá ser eliminada sem piedade. Eis por consequência as teses a que me proponho:

1) - Que a atividade mental não é limitada às suas manifestações corporais, se bem que, em certo meio material, seja necessário para demonstrar-nos sua atual atividade neste plano.

2) - Que o mecanismo cérebro neuromuscular, assim como o resto do corpo, formam um instrumento constituído, dirigido e utilizado pela vida e pelo espírito, instrumento que pode deteriorar-se ou usar-se de modo a impedir a sua utilização regular pela entidade dirigente normal; que os sinais dessa deterioração ou dessa deslocação podem claramente mostrar-se sem dar-nos o direito de tirar outra conclusão que a de uma obstrução ou de uma imperfeição no canal ou laço de comunicação entre o espírito e a matéria.

3) - Que nem a vida nem o espírito deixam de existir quando são separados do seu invólucro ou órgão material: cessam somente de funcionar na esfera material anterior, como quando o instrumento estava em bom estado. De fato, nada deixa de existir; só a forma de vida é que muda. Certa coisa pode perfeitamente desaparecer diante de nossos olhos, tornar-se imperceptível aos nossos sentidos, mas isso não é uma prova de que tenha deixado de existir. Este fato, bem evidente quando é trata de matéria e energia, é igualmente verdadeiro, em minha opinião, quando se trata da existência vital ou espiritual. Não temos razão alguma para supor que algo de real possa deixar de existir, ainda que facilmente disperso ou tornado inacessível aos nossos sentidos.

4) - Que o que chamamos “indivíduo” é uma encarnação definida ou associação com a matéria de algum elemento vital ou espiritual que possui em si mesma uma existência contínua. A entidade, ou, nos seus desenvolvimentos superiores, a personalidade, não depende certamente da identidade das partículas materiais que a fazem manifestar-se; ela não pode ser senão um atributo da entidade dirigente que congrega tais partículas durante certo tempo, as deixa e as renova durante sua vida ordinária, sem que sua continuidade seja de qualquer forma alterada.

5) - Que o valor da encarnação se acha na oportunidade assim oferecida para a individualização de uma parte da mentalidade específica gradualmente mais vasta, isolada do seu meio primitivo cósmico, afim de permitir-lhe desenvolver uma personalidade que será a característica desse organismo particular.

6) - Que, quando tal individualidade ou personalidade é real, há lugar para crer-se que ela persista como toda outra realidade e que, em consequência, pode sobreviver à sua separação do organismo material, que a ajudava outrora a isolar-se, para tornarem-se possíveis os traços característicos do seu caráter. Que o caráter individual, assim formado, persiste verdadeiramente como indivíduo, conservando a sua memória, as suas experiências e as suas afeições, segundo oportunidades e privilégios associados ao corpo material, durante a vida terrena. É uma questão que será resolvida pela observação direta e pela experiência.

Eis, pois, a minha conclusão final:

7) - Que a evidência, já acessível, basta para provar que o **caráter individual e a memória persistem**, que as personalidades, que deixaram esta vida, continuam a existir como os seus conhecimentos e as experiências adquiridas neste plano e que, em certas condições parcialmente conhecidas, os nossos amigos invisíveis podem provar-nos a sua sobrevivência real, individual e pessoal." (grifo meu)

A partir da conclusão de Lodge de que o caráter individual e a memória persistem após a morte, num raciocínio inverso, **o caráter individual e a memória já existiam antes do nascimento**. Obviamente que, se tal unidade psíquica persiste em sua existência real noutra esfera cósmica após a morte, pela lógica posso partir do pressuposto que, a mesma unidade já existia antes de nascer. Aliás, não encontro outro fundamento para compreender o processo existente da exótica rememoração de vidas passadas. As demais hipóteses não se sintonizam com a vivência direta do fenômeno. A única explicação plausível para o que relatarei a seguir neste estudo preliminar, é que é a hipótese de sobrevivência compreendida aqui sob a ótica da existência do espírito antes do nascimento que é evidenciada.

No mesmo caminho, temos Sylvan Muldoon, projetor consciente e primeiro pesquisador científico do fenômeno da experiência fora do corpo numa base de autopesquisa de suas próprias vivências. Sylvan defendia a posição de que a consciência pode existir fora do cérebro e do corpo físico. Afirmara comunicar-se com outras consciências nos períodos extracorpóreos e que o corpo astral, o que sobrevive, apresenta inclusive estrutura física e magnética específica. No mesmo sentido, nos finais do século XIX, os físicos Zelst e Malta, através do Dinamistógrafo, estavam prestes a provar a existência objetiva do veículo do espírito, ou o Psicossoma, chegando até a ter os primeiros resultados de medição da massa, densidade e propriedades de tal corpo.

É fácil perceber que ao longo da pesquisa parapsíquica o assunto sobrevivência ou não do *ego*⁶ após a morte ou mesmo de sua pré-existência antes de nascer ("teoria das vidas passadas") é assunto que de forma geral dividem as opiniões dos pesquisadores em duas linhas bem delimitadas: concepção centrada na consciência/espírito e a concepção centrada no cérebro/corpo. A primeira enfatiza ser a consciência a realidade primária e o fundamento do ser, e a segunda, afirma ser a consciência um epifenômeno

⁶ Do latim ego ["eu"] ou o núcleo da personalidade de uma pessoa; princípio de organização dinâmica, diretor e avaliador que determina as vivências e atos do indivíduo (Fonte: Houaiss Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa).

do cérebro⁷. Opto aqui pela primeira concepção que dá realismo à teoria do corpo objetivo e, portanto, da possibilidade de existência de múltiplas personalidades assumidas por um mesmo ego que atravessa as existências oscilando ora no estado extrafísico ora no estado intrafísico, ora no estado projetivo. A segunda concepção é, no meu ponto de vista, inaplicável para ser usada como ponto de partida de um entendimento profundo da realidade. Até mesmo o indiscutível gênio da pesquisa psíquica Dr. Sigmund Freud assumiu com franqueza absoluta sua quase impotência diante do campo da ciência parapsíquica que envolve a possibilidade da vivência do corpo objetivo:

“não posso, contudo, esconder de mim mesmo que sou incapaz de fornecer qualquer explicação completa sobre essa classe de sonhos típicos [referindo-se aos sonhos de vôo e de queda]. Meu material deixou-me em apuros justamente neste ponto. (...) devo explicar que eu mesmo nunca tive sonho desta natureza desde que voltei minha atenção para o tema da interpretação dos sonhos”⁸

Ao fim de sua vida Dr. Freud parece intuir a reencarnação, ao negar a Hereward Carrington, em 1921, ser co-editor de um periódico ocultista⁹: “Se fosse viver de novo, eu me dedicaria à pesquisa psíquica em vez da psicanálise”.

O objeto deste ensaio não se refere a um estudo histórico da revisão do posicionamento da teoria da continuidade e sobrevivência da consciência. Este, pois, é objeto de outro escrito, o *Projeciôtron*¹⁰. Aqui me reduzo a permanecer e elucidar que finco meu posicionamento na realidade objetiva de tal corpo, através de comprovações pessoais (vide minhas pesquisas) e em estudo da área. Parto do princípio que o espírito existe. E existe, em nossa condição evolutiva a partir de um campo “perispiritual” de ordem psicossomática (psicossoma) que serve de interface entre o núcleo (espírito) e a matéria (corpo físico). O cordão de prata é o ‘cabo magnético’ que liga um corpo a outro [ver ensaio específico sobre o cordão de prata]. Quando o cabo se rompe, ocorre a desencarnação e o espírito retorna a sua origem extrafísica. Tal corpo (psicossoma) e sua objetividade é o que possibilita à consciência/espírito atravessar séculos, milênios e porque não, milhares e milhares de anos de evolução, em uma aparente alternância

⁷ Neste sentido: SALVINO, Fernando. *Ecopedagogia e Cosmoconsciência: Análise sobre a efetividade do Sexto Espaço de Aprendizagem*. Monografia de Esp. UDESC, 2001.

⁸ FREUD, Sigmund. *A Interpretação dos Sonhos (I) 1900*. Obras Completas. Vol. IV. Imago, 1996. pp. 298-299.

⁹ JONES, Ernest. *A Vida e a Obra de Sigmund Freud*. vol III, Rio de Janeiro, Imago Ed., 1989, p.384.

¹⁰ SALVINO, Fernando. *Projeciôtron: Ensaio sobre a Hipótese da Indução Mecânica de Experiência fora do Corpo Biológico*. 2008. (Em fase de desenvolvimento).

contínua e multidimensional, aqui chamado, como popularmente se conhecem, de 'ciclos reencarnatórios' ou, tecnicamente, a serialidade multiexistencial. No entanto a consciência não é tal corpo, como evidenciam as projeções pelo mentalsoma isolado.

Tal posicionamento já vem sendo desenvolvido desde tempos antigos e toma corpo científico a partir de pesquisadores tais como Hereward Carrington e Oliver Lodge¹¹. O início propriamente dito de tal campo investigativo se dá com Sylvan Muldoon, paranormal projetor consciente e escritor, precursor da Projeciologia. Atualmente, a organização dos manuscritos projeciológicos num corpo teórico e experimental coerente se deve ao esforço do médico Dr. Waldo Vieira, quando lançou o volumoso tratado do assunto. Embora volumoso, inicia uma era científica da investigação da realidade projetiva da consciência. Senão vejamos a lista exaustiva do assunto, organizada pelo pesquisador Robert Bushman¹² que reúne mais de 2.000 referências no campo da experiência fora do corpo. O estado da arte no campo projeciológico torna quase impossível um acompanhamento da evolução sistêmica de tal campo nas multivariadas áreas da ciência psíquica. O pesquisador necessita estar em tempo integral dedicado a este campo, tarefa que ainda não me é possível, infelizmente. Meu cotidiano reúne minha atividade como empresário, parapsicólogo clínico e nas horas que me restam, organizo meu tempo de forma a ter uma fração para as pesquisas.

Minha principal contribuição para a ciência não é a pesquisa teórica, mas a pesquisa que brota de minha experiência vital e de minha atividade profissional clínica. Fico realmente ansioso diante de tanto material bibliográfico em cujo conhecimento sei, intimamente, que de nada adianta na essência, para induzir o fenômeno extracorpóreo pela vontade ou de produzir uma experiência retrocognitiva relevante. Assim como tantos outros pesquisadores que varrem as bibliotecas e casos de terceiros, mas por si

¹¹ Senão vejamos algumas referências importantes para investigações e revisões:

CARRINGTON, Hereward. *Modern Psychical Phenomena: recent researches and speculations*. London, 1919.

_____. *The Coming Science*. London, 1908.

_____. *Death: Its Causes and Phenomena: with especial reference to immortality*. London, 1912.

_____. *The Problems of Psychical Research: experiments and theories in the realm of the supernormal*. London, 1921.

_____. *True Ghosts History*. London, 1980.

_____. *Personal Experiences in Spiritualism*. London.

_____. *Eusapia Paladino and Her Phenomena*. London, 1919.

LODGE, Oliver. *Science and Immortality*. New York, 1908.

_____. *Raymond or Life and Death: with examples of the evidence for survival of memory and affection after death*. London, 1917.

LODGE, FLAMMARION e outros. *Survival*. London, 1924.

¹² In: <<http://obebibliography.info/complete.htm>> Acesso em: 09/06/2009.

mesmos, não têm uma certeza íntima a respeito da existência objetiva de si mesmo independente do corpo físico. Pois, da mesma forma que Muldoon, Vieira, Medeiros, Monroe e outros trazem a realidade parapsicológica a partir de suas experiências diretas, eu trago com a intenção de contribuir para a evolução sistemática desta ciência em prol da evolução e da expansão da consciência para a multidimensionalidade. E nada, realmente, substitui o conhecimento direto da multidimensionalidade a partir da experiência pessoal direta, autoconsciente.

A retrocognição aparece na minha vida para me colocar com os pés bem no chão de que nasci em 1975 e tenho atualmente 34 anos (ano de referência: 2010). As reminiscências de certas vivências passadas afetaram profundamente meu modo de ser hoje e que, a partir do acesso a estes campos, pude libertar-me gradativamente de padrões viciosos fincados nos traumas de vidas passadas encarnadas. Não acessei até agora experiência traumática no pós-morte. Todos os traumas que acessei em vidas passadas foram quando estava numa condição reencarnada, assumindo outra personalidade¹³. Pela retrocognição foi possível me perceber como um ego que assumiu multivariadas personalidades ao longo dos milênios. Percebi que meu interesse pela ciência psíquica é mais antigo que imaginava. Testemunhei a mim mesmo como um ego em evolução e minhas múltiplas personalidades passadas. As lembranças destas situações passadas me deram uma nova perspectiva para o entendimento de mim mesmo, ampliando sobremaneira meu auto-conceito, meu autoconhecimento e me trouxe novas variáveis para minha auto-investigação. Posso dizer que minha vida hoje mudou a partir desta regressão. Mais que o valor terapêutico, fica o valor existencial de saber, pela experiência direta, que eu existia realmente antes de nascer. Tal fato coloca-me em maior realismo diante das experiências de expansão da consciência.

5.2 Da Retrocognição ou Regressão

O fenômeno denominado "retrocognição" também é conhecido por diversos nomes, tais como: lembrança de vidas passadas; lembrança pré-uterina; memória extracerebral; regressão à vidas passadas; regressão de memória; retromnésia; e outros.

¹³ Do Lat. *Persóna*: 'máscara; figura; papel representado por um ator; pessoa, indivíduo'; *persona* (1909) 'pessoa; caráter deliberadamente assumido por um autor num trabalho escrito'; como coloca a teoria psicanalítica de Carl G. Jung (1875-1961, psiquiatra suíço).

Normalmente vamos encontrar tal fenômeno na literatura em geral sob o nome de "regressão" ou "TVP - terapia de vidas passadas"¹⁴.

Uma ampla gama de pessoas, dentre as quais pesquisadores psi, acredita que a retrocognição adentra no campo da fantasia, memória genética, inconsciente coletivo, inconsciente pessoal ou de terceiros acessado pelo fenômeno de PES - percepção extra-sensorial (principalmente a telepatia ou a comunicação mente a mente sem a participação dos sentidos comuns), teoria da consciência pivô, etc. No entanto, a vivência pessoal do fenômeno correlacionada a trocas de informações entre os experimentadores do mesmo, evidenciam não estar no campo das hipóteses acima, e sim de acesso real às chamadas "vidas passadas".

Dr. Brian Weiss, médico americano, admitiu em suas obras nunca ter acreditado em vidas passadas, devido sua formação ortodoxa na academia médica nos EUA, quando sua percepção mudou ao realizar a hipnose em sua paciente Catherine, quando a mesma regride para uma existência há 4.000 anos atrás, e cujos resultados clínicos foram surpreendentes para o médico. No entanto a história da terapia regressiva não inicia com Weiss. Tibetanos, Chineses, Indígenas, dentre tantos outros povos e linhagens do conhecimento se beneficiaram das "regressões" com a finalidade terapêutica. O Dr. Sigmund Freud e Dr. Breuer colocavam seus pacientes em hipnose, tentando ajudá-los no processo de contato direto com memórias traumáticas do passado atual do paciente. Atualmente, o procedimento regressivo às vidas passadas tem ocupado as mentes até mesmo de pesquisadores que não atuam com tal terapêutica, como é o caso de Ian Stevenson quando afirmou:

"Todos nós morreremos de alguma doença. O que determina a natureza dessa doença? Acredito que a busca da resposta pode nos levar a pensar que a natureza de nossas doenças pode derivar, pelo menos em parte, de nossas vidas passadas. O caso de crianças que afirmam lembrar de vidas passadas e que descreveram marcas e defeitos de nascença sugerem isso. Algumas dessas crianças relataram doenças internas"¹⁵

O conceito traz em si mesmo a realidade da palingenesia ou os ciclos de renascimentos da consciência, também chamado de ciclos reencarnatórios, no qual o "eu", aqui chamado simplesmente de consciência, transita multidimensionalmente, ora

¹⁴ ALEGRETTI, Wagner. *Retrocognições*. RJ, IIPC, 2000. p. 96.

¹⁵ STEVENSON, Ian. *Half a Career With The Paranormal*. In Journal of Scientific Exploration. 2006, vol 20, nº1. (op.cit: PLANETA, Revista. Ian Stenvenson: o Cientista da Reencarnação. p. 41. Ed 419, ano 33, 2007.

reencarnado (numa condição de consciência intrafísica) ora desencarnado (numa condição de consciência extrafísica). Outro fenômeno associado está a experiência lúcida da consciência fora do corpo (numa condição de consciência projetada), também chamada de "desencarnação provisória", "viagem astral", "projeção do corpo astral", "desdobramento perispirítico", etc. As experiências de vidas passadas ocorrem nos estados ou condições comentadas. Ora a pessoa lembra uma vida encarnada, ora desencarnada ou ainda, quando estava fora de seu corpo em alguma destas condições.

Dentro da Parapsicologia Laboratorial atualmente operante, considera-se o fenômeno da "retrocognição" como pertencente ao conjunto de fenômenos que apontam para a *hipótese de sobrevivência* do eu após a morte biológica¹⁶. Já no escopo das escolas abertas de Parapsicologia¹⁷, incluindo aqui a escola Projeciologia¹⁸, o fenômeno apresenta correlação com o que chamamos de "hipótese do corpo objetivo" ou a existência concreta de um veículo ou corpo utilizado pela consciência, detectado por diversos povos ao longo da história humana, por muitos conhecido por: corpo astral (Muldoon), perispírito (Kardec), Kha (Egípcios), Psicossoma (Vieira), etc. De acordo com a Teoria do Corpo Objetivo, a consciência atravessa os ciclos reencarnatórios utilizando-se de um veículo que permanece "vivo", ou seja, ora reencarna ora desencarna e ainda, ora sai do corpo biológico e retorna a ele. Tal veículo, aqui chamado tecnicamente de psicossoma ou veículo das emoções/sentimentos, dentro de sua complexa parapsicofisiologia apresenta-se como a sede hipotética da fonte das informações

¹⁶ Citar fontes!!!!

¹⁷ Obviamente que chamar de "escolas abertas de Parapsicologia" carrega minha intenção de trazer para dentro deste campo todas as ciências psíquicas atuais, incluindo as escolas que apresentam fraca base científica, como a Conscienciologia.

¹⁸ A Conscienciologia é uma escola polêmica dentro do campo da pesquisa psíquica. Seu fundador, Dr. Waldo Vieira, sistematizou uma obra de Projeciologia no esforço de dar sistemática ao assunto, reunindo dados de centenas de obras da área e criando uma nomenclatura especializada que, por sinal, apresenta coerência dentro da vivência da experiência fora do corpo. No entanto, a ciência que o mesmo chama de Conscienciologia de acordo com o autor, fora sistematizada noutra obra "700 experimentos de Conscienciologia", onde parece não constar experimentos científicos e sim, numa ampla gama de capítulos, opiniões e aspectos doutrinários de um "dever-ser" do comportamento humano que leva a pessoa ao suposto serenismo. Outra obra interessante do autor, chama "Homo sapiens reurbanizatus", onde Vieira tenta, a partir de uma revisão exaustiva de jornais e outras fontes secundárias de pesquisa, demonstrar evidências da existência de reurbanizações extrafísicas no planeta. Tal obra, apesar de ser um excelente estudo de varredura bibliográfica e de uma enorme fonte de pesquisa, apenas traz indícios de tal realidade, a partir da associação de idéias. No meu ponto de vista, os únicos trabalhos com coerência científica experimental são "Projeciologia" e "Projeções da Consciência". Portanto, no meu ver, a Conscienciologia que o autor propõe se afigura mais como um novo corpo de doutrina, dentro de uma espécie de religião, do que como ciência. Por outro lado, Conscienciologia foi um termo não cunhado por ele, mas pelo filósofo Miguel Reale, estando pois aberto a novas variações epistêmicas, ontológicas, gnoseológicas e metodológicas. Participei das atividades projeciológicas como professor e pesquisador no IIPC e o aspecto doutrinário das "verdades relativas de ponta" colocam tal sistema num status ilusório de que é o conhecimento mais avançado que existe. Defendo a tese de que estamos operando numa "ciência psíquica" que possui multivariado enfoque e paradigma. Nenhum é mais essencial que o outro. Uns divergem mais, outros convergem. Mas quem fala a verdade? O que é pois verdade? Existe verdade?

advindas dos processos retrocognitivos, em outras palavras, a sede da holomemória ou memória extracerebral. Atualmente dedico-me a investigação de protótipo que servirá para acionar o fenômeno da experiência fora do corpo de forma mecânica (Projeciotrôn), visando a comprovação experimental definitiva do corpo objetivo (o duplo, ou fantasma).

Dentro do conceito mais simples, a retrocognição vem do latim: *retro* = atrás + *cognoscere* = conhecer, saber, ou seja, é a parapercepção ou vivência propriamente dita da pessoa ou consciência que lhe permite acessar memórias de fatos, cenas, pessoas, lugares, objetos, eventos, sentimentos, emoções e vivências pertencentes às suas existências intrafísicas (reencarnadas) passadas, a seus períodos intermissivos anteriores (vidas desencarnadas) ou ainda de vivências projetivas (experiências fora do corpo) passadas.

De uma forma mais complexa, o fenômeno mostra-se como uma *projeção da consciência para o campo intrapsíquico inconsciente* que se desloca de uma estrutura espaço-temporal considerada "presente", para outra estrutura espaço-temporal considerada "passada". No entanto, em *transe retrocognitivo profundo*¹⁹, a consciência sente-se no presente-passado, num universo paralelo e existente. Tal fato indica que o espaço-tempo presente é onde a consciência está focada com sua atenção. No fenômeno retrocognitivo, o deslocamento ou viagem no espaço-tempo possibilita a consciência literalmente voltar ao passado, não em corpo, mas em consciência e, de certa forma, alterar sua dinâmica numa estrutura ou campo do inconsciente.

O fenômeno em si, desafia qualquer conceito atual de memória, pois que, no fenômeno a memória não se apresenta como uma simples recordação ou recuperação de acesso a informações em geral, ou a um local ou espécie de HD ou hardware, ou local cerebral ou ainda alguma instância do aparelho psíquico, mas antes de tudo, apresenta-se como uma dimensão com "vida própria" onde os fatos ainda estão ocorrendo noutra estrutura espaço-temporal. Pode parecer estranha tal descrição do fenômeno, mas os experimentos que até agora presenciei e eu mesmo vivenciei me induz a pensar que a concepção linear do tempo (passado -> presente -> futuro) é superada pela retrocognição, quando a memória parece mais como um campo informacional, existente no cosmo como uma dimensão real e operante, viva. No entanto, estamos apenas

¹⁹ Profundo estado alterado da consciência.

engatinhando neste caminho e todas as afirmações não passam de meras hipóteses e reflexões iniciais.

O fenômeno regressivo (retrocognitivo) pode levar a pessoa (consciência) a rememorar três tipos de experiências anteriores, tais como: vidas físicas prévias (encarnadas); vidas extrafísicas prévias (desencarnadas); experiências projetivas prévias (experiências fora do corpo prévias).

A pessoa quando dotada de maior sensibilidade pode acessar além de suas próprias vidas passadas, as de outras pessoas ou ainda, acessar memórias impregnadas em ambientes ou objetos (psicomетria ou acesso aos famosos "registros akashicos"). Pode acessar experiências onde se acha sozinho ou em grupo, podendo ser experiência afetiva (amor, paixões, abandonos, desafetos do passado, etc.), emocional-traumática (experiências de sofrimento intenso, como medo, tristeza, solidão, arrependimento, dor, morte, tortura, guerras, etc.) e intelectual (mais raro).

A causa do fenômeno pode ser espontânea, provocada (por outra pessoa) ou auto-provocada, variando o nível de lucidez das experiências, podendo ser mais semi-conscientes (vagas sensações, sentimentos sem causa aparente, fobias estranhas, sonhos ou pesadelos recorrentes, repulsas ou afinidades sem causa aparente, sensações de familiaridade, intuições, etc) e mais conscientes (rememorações reais rápidas e fugazes ou revivencial). O estado revivencial, como afirma ALEGRETTI, é o:

"(...) verdadeiro estado alterado da consciência em que o indivíduo sente que volta ao passado como se o estivesse revivendo ou sentindo novamente as mesmas dores, prazeres, emoções e envolvimentos humanos. Apesar de saber que é aquele próprio personagem do passado, sente-se ao mesmo tempo como um observador crítico externo. Algumas vezes tem um ponto de vista de dentro das cenas e outras vezes como se assistisse a tudo de fora, como em um cinema muito vívido e multisensorial. Muitas vezes pode identificar aqueles personagens do passado associando-os com os de hoje (reconhecimento)" (p. 106).

Segundo Alegretti, a pessoa experimenta a regressão quando a consciência encontra-se dentro do corpo (coincidência holossomática), semi fora do corpo (semi-descoincidência) ou mesmo totalmente fora do corpo (descoincidência ou estado projetivo e mesmo extrafísico), assim temos que a retrocognição pode ser vivenciada tanto pela consciência encarnada (intrafísica), desencarnada (extrafísica) ou projetada fora do corpo (projetiva). É portanto uma experiência interna, subjetiva, ocorrente

dentro do microuniverso do espírito, independente do estado objetivo²⁰ em que manifesta. A rememoração pode ser sadia, quando os resultados acarretam autoconhecimento e benefícios evolutivos para a pessoa ou doentia, quando não acarretam maiores benefícios no ponto de vista do autoconhecimento e auto-superação. No caso da experiência saudável traz-se a hipótese da influência de amparadores extrafísicos no desencadeamento da experiência e na segunda, de personalidades intrusas. No cerne de um consultório regressivo, sério, existe a atuação de equipe extrafísica de profissionais especializada no processo regressivo de forma a prevenir e a amparar tal procedimento da terapêutica multidimensional. Tal fato já foi experienciado por mim várias vezes em sessões clínicas. Os fatos indicam que amparadores extrafísicos coordenam tais experimentos de ordem paraterapêutica.

O leitor pode aprofundar tal campo em várias obras, tais como as escritas por Melo, Markham, Kfour, Centenaro, Eliezer Mendes, Alegretti, Brennan e outros²¹.

5.3 Da *Retrocognoterapia* ou Terapia de Regressão: aspectos científicos

A Terapia de Regressão atualmente é trabalhada por diversas concepções onde podemos encontrar nas escolas reencarnacionista e não-reencarnacionista seus representantes e suas respectivas técnicas.

De maneira geral, as limitações estão nas concepções existenciais do próprio terapeuta (paradigma pessoal e falta de experiências multidimensionais). O terapeuta portanto, escolhe o referencial que mais se adequa a seu campo de experiência de realidade e de concepção de mundo.

Assim, a Terapia de Regressão, ou como tecnicamente denomino, a ***Retrocognoterapia***, é a terapia que se utiliza do fenômeno denominado Retrocognição para finalidades terapêuticas, ou melhor, parapsicoterapêuticas, para o enfrentamento e autossuperação de traumas, padrões e principalmente para um autoconhecimento profundo da personalidade ou eu multiexistencial (palingenético). O objetivo maior desta prática é ajudar o paciente a descobrir para que ele realmente reencarnou, ou seja, qual sua missão de vida.

A missão de vida apresenta duas dimensões gerais:

²⁰ Em Projeciologia, os estados de consciência mais objetivos são classificados em 3: intrafísico, extrafísico e projetivo. Todos os demais estados subjetivos podem ocorrer em quaisquer dos 3 estados citados.

²¹ Vide referências.

- 1) interna ou o projeto de autopercepção evolutiva pessoal;
- 2) externa ou a tarefa de vida propriamente dita (profissão, atividades sociais, etc).

É no sentido de utilizar da memória profunda, com a noção de que o sujeito sabe, mas esqueceu, que a regressão vai surgir como o recurso essencial para que a pessoa acesse aquilo que sabe, ou seja: de onde vim? (memórias acessadas pela regressão) o que faço aqui? (tarefa assumida antes de renascer) para onde estou indo? (projeto de vida propriamente dito). O desafio do paciente é justamente por não lembrar-se de si mesmo, não consegue vislumbrar um futuro (projeto de vida). Portanto, a terapia de regressão visa o autoconhecimento profundo, trazendo novas concepções pessoais da vida, da espiritualidade vivenciada (além da fé), desafia crenças íntimas e fornece subsídios para o realinhamento da pessoa com seu real propósito ou intenção em estar no mundo. O realinhamento propriamente dito é o objetivo da Parapsicologia Clínica.

Cabe-nos aqui tratar do processo de indução do fenômeno para finalidade terapêutica evolutiva, ou a terapia de regressão propriamente dita, realizada em espaço clínico especializado e facilitada por profissional com formação, pesquisa e treinamento na ciência Parapsicologia e nas Ciências Mentais aplicadas na terapêutica. O profissional que pesquisa e vivencia o fenômeno da retrocognição cientificamente e clinicamente é o Parapsicólogo, profissional habilitado para facilitar experiências clínicas dentro de fundamentos éticos, científicos e profissionais sérios, longe da mística, do preconceito advindo da falta de informação e do esoterismo (cartomantes, bolas de cristal, tarot, videntes, advinhos, etc.) dentro da indução técnica e controlada de fenômenos da ordem da "paranormalidade" com finalidades terapêuticas.

Não podemos confundir vivências regressivas com terapia de regressão (retrocognoterapia). Qualquer pessoa pode simplesmente induzir vivências regressivas seja lá como faz isto (sem critérios ou formação na área), o que é muito diferente de terapia regressiva induzida por profissional da área. A terapia regressiva é o procedimento técnico facilitado por profissional em que se induz a experiência regressiva (o acesso a memórias de vidas passadas) e aproveita todo conteúdo de tais vivências para a evolução. Significa que a experiência por si mesma não é suficiente sem o processo posterior de entendimento do fenômeno, compreensão da experiência e o balanço da experiência passada com a atual vida e com as queixas e problemas levados

a terapia. O processo de indução e metabolismo (digestão) da experiência regressiva chama-se "terapia de regressão" e possui 4 fases²²:

1. Experiência regressiva: fase em que o paciente acomoda-se num leito confortável e passa pela indução facilitada por Parapsicólogo, entrando no processo de rememoração das vidas passadas ou mesmo da vida atual ou intrauterina (regressão à vida atual). O paciente neste estado de regressão, em plena vivência das vidas passadas, é amparado pelo Parapsicólogo, que lhe faz o acompanhamento e as perguntas necessárias que irão conduzi-lo a partir de uma linha progressiva que vai do ponto traumático da experiência (em geral os pacientes acessam traumas) e vai em direção ao ponto no qual o paciente desencarna e migra para a dimensão extrafísica, no qual continua suas experiências evolutivas e adentra num estado íntimo parapsicológico de bem estar transcendental e espiritual. O objetivo da experiência é ajudar o paciente a sair da sintonia com o evento traumático e trazê-lo com o subconsciente ancorado noutra experiência, mais benigna evolutivamente. Assim se opera a reprogramação mental do subconsciente através da terapia regressiva.

2. Análise: após a experiência, o paciente é levado a refletir por intermédio de perguntas e hipóteses lançadas pelo Parapsicólogo acerca da experiência em si. Em seguida faz-se a correlação da experiência com a atual vida. O balanço comparativo é recurso terapêutico altamente eficiente para que o paciente compreenda-se como uma personalidade formada ao longo de milênios (personalidade congênita ou palingenética) e de que atualmente pode estar repetindo padrões inapropriados com sua tarefa ou missão de vida para a atual reencarnação. Inicia-se o processo de descobrimento da missão de vida do paciente. Este processo pode atravessar mais de uma sessão de regressão, ou vários ciclos de experiências e análises. O processo de análise junto com o paciente é participativo, o Parapsicólogo participa da investigação, lançando hipóteses, ajudando a construir teorias e visualizando junto com o paciente as formas de aplicar as mudanças e os insights adquiridos com a experiência e a reflexão. Ao chegar neste ponto, passamos a fase seguinte.

²² Este é o método que eu utilizo, baseado no meu conhecimento e prática em aprendizagem experiencial. Estas 4 fases estão embasadas no modelo educacional chamado "experiential education" ou aprendizagem pela experiência. Tal sistema fora definido em suas linhas gerais por Carl Rogers, Kurt Lewin, John Dewey, William Kilpatrick, Moscovici e outros. Neste sentido ver: SALVINO, Fernando. *Vivências em Formação Continuada: Aprendizagem e Mudança em Desenvolvimento de Equipe Escolar*. Dissertação de Mestrado em Educação. UFSC, 2007.

3. Síntese: nesta fase já é possível sintetizar a experiência de regressão com a análise realizada, produzindo conhecimento com a meta de aplicá-lo na vida prática do paciente, visando dinamizar sua evolução e execução de sua tarefa de vida. Ao vislumbrar as formas de conexão da experiência, das análises e sínteses com a realidade prática da vida encarnada, passamos a fase seguinte.

4. Conexão: aqui inicia a aplicação vivencial na vida prática do paciente das mudanças que o mesmo deseja para ele e mesmo dos resultados terapêuticos das fases anteriores.

As fases acima não são na prática clínica seguidas necessariamente uma após a outra. Elas se interpenetram. Durante a própria experiência a pessoa pode refletir e tirar suas conclusões pessoais.

VI. Afinal: pode o 'Eu' existir antes do nascimento? Existem vidas passadas?

Ao final deste ensaio, fica evidente que eu existia antes de nascer. A experiência mostrou que 'Eu' tenho pré-existência ao nascimento e minha formação não se deu na atual "vida".

Aplicando o método da dedução, obviamente se, eu existia antes de nascer, todos os demais seres humanos de minha espécie também assim existiram. E se algum dia existiram passaram a permanecer vivos depois que morreram em suas vidas passadas, onde a pesquisa das vidas passadas também comprova a tese da sobrevivência. Assim, um dado complementa outro. Uma evidência reforça outra, como estarei aprofundando na conclusão deste ensaio e reforça minha tese de investigação sistêmica e não fragmentada da fenomenologia parapsíquica, no sentido de dar coerência a tese da consciência.

VII. Das Referências Bibliográficas

[em construção]